

**CORPOS E MIGRAÇÕES INTERNACIONAIS NA PRODUÇÃO BRASILEIRA
RECENTE E SUAS BASES TEÓRICAS E CONCEITUAIS: FOUCAULT, BUTLER E
BOURDIEU¹**

***CUERPOS Y MIGRACIONES INTERNACIONALES EN LA PRODUCCIÓN
BRASILEÑA RECIENTE Y SUS FUNDAMENTOS TEÓRICOS Y CONCEPTUALES:
FOUCAULT, BUTLER Y BOURDIEU***

***BODIES AND INTERNATIONAL MIGRATIONS IN RECENT BRAZILIAN STUDIES
AND THEIR THEORETICAL AND CONCEPTUAL BASES: FOUCAULT, BUTLER
AND BOURDIEU***



Marcelo ENNES²

e-mail: itab2010@academico.ufs.br



Oswaldo TRUZZI³

e-mail: truzzi@ufscar.br

Como referenciar este artigo:

ENNES, Marcelo; TRUZZI, Oswaldo. Corpos e migrações internacionais na produção brasileira recente e suas bases teóricas e conceituais: Foucault, Butler e Bourdieu. **Estudos de Sociologia**, Araraquara, v. 31, n. 00, e026013, 2026. e-ISSN: 1982-4718. DOI: 10.52780/res.v31i00.21092.



| Submetido em: 14/04/2026
| Revisões requeridas em: 15/04/2026
| Aprovado em: 05/08/2026
| Publicado em: 10/10/2026

Editora: Profa. Dra. Maria Chaves Jardim

¹ O presente artigo apresenta alguns dos resultados do projeto de pesquisa “Corpo e imigração: um estudo sobre a produção científica brasileira nas passagens do século XIX para o século XX e do século XX para o século XXI”. Edital PDS/CNPq – 2022. Processo número: 102067/2022-8

² Universidade Federal de Sergipe (UFS), São Cristóvão – Sergipe (SE) – Brasil. Prof. Titular. Departamento de Ciências Sociais e Programa de Pós-Graduação em Sociologia.

³ Universidade Federal de São Carlos (UFSCar), São Carlos – São Paulo (SP) – Brasil. Prof. Titular Sênior do Programa de Pós-Graduação em Sociologia.

RESUMO: Neste artigo, procuramos identificar e comentar as bases teóricas e conceituais de alguns artigos recentes de autoras/es brasileiras/os sobre imigração em que o corpo é uma referência analítica e/ou empírica. O interesse pelo tema tem origem no entendimento de que, na passagem do século XIX ao XX, o corpo era frequentemente associado à raça, entendida a partir de características físicas e biológicas, enquanto hoje — temos por hipótese — esse não é o entendimento corrente. Para atingir nosso objetivo, foi realizado um levantamento de artigos publicados entre 2000 e 2022. Como resultado, verificou-se que, entre os autores mais referenciados, estão Michel Foucault, Judith Butler e Pierre Bourdieu. Com base nesses autores e em seus conceitos, foi possível observar que o corpo é acionado para descrever e analisar, de um lado, processos de dominação, invisibilização e precarização e, de outro, para se referir a expressões da agência de imigrantes.

PALAVRAS-CHAVE: Migração. Corpo. Pesquisadores Brasileiros. Teoria.

RESUMEN: En este artículo, buscamos discutir los fundamentos teóricos y conceptuales de algunos artículos recientes de autores brasileños sobre inmigración en los que el cuerpo constituye una referencia analítica y/o empírica. El interés por el tema surge de la comprensión de que, a finales del siglo XIX y principios del XX, el cuerpo se asociaba frecuentemente con la raza, entendida a partir de características físicas y biológicas, mientras que, en la actualidad, según nuestra hipótesis, esa ya no es la comprensión predominante. Para lograr nuestro objetivo, se realizó una revisión de artículos publicados entre 2000 y 2022. Como resultado, se encontró que, entre los autores más citados, están Michel Foucault, Judith Butler y Pierre Bourdieu. A partir de estos autores y sus conceptos, se observó que el cuerpo se activa para describir y analizar, por un lado, sistemas de dominación, precariedad e invisibilidad y, por otro, para referirse a expresiones de agencia inmigrante.

PALABRAS CLAVE: Migración. Cuerpo. Investigadores Brasileños. Teoría.

ABSTRACT: This article examines the theoretical and conceptual foundations of recent Brazilian scholarship on immigration that utilizes the body as an analytical or empirical reference. Our interest in this topic is premised on the shift in perspective since the turn of the 20th century: while the body was once primarily associated with biological notions of race, we hypothesize that contemporary understandings have moved away from this framework. To test this, we surveyed articles published between 2000 and 2022. Our findings indicate that Michel Foucault, Judith Butler, and Pierre Bourdieu are the most frequently cited theorists. Drawing on their concepts, we argue that the body serves a dual purpose in current research: it is used to analyze systems of domination and precarity, while also highlighting the various expressions of immigrant agency.

KEYWORDS: Migration. Body. Brazilian Researchers. Theory.

Introdução

A importância do tema da mobilidade internacional tem crescido quantitativa e qualitativamente nas últimas décadas. De um lado, o número de pessoas que vivem como migrantes, refugiados e apátridas em todo o mundo vem crescendo significativamente. Segundo dados da ONU, em 1990 havia cerca de 153 milhões de pessoas que viviam fora de seu país de nascimento. Em 2020, esse número passou para aproximadamente 281 milhões, um acréscimo de mais de 83% em trinta anos. Ao lado desse vertiginoso crescimento, estudos sobre o tema das mobilidades humanas têm se diversificado no que diz respeito a questões empíricas, teóricas e metodológicas. Muitas pesquisas têm sido realizadas sobre gênero, raça/etnia, sexualidade e classe social em contextos migratórios, com bases teóricas e metodológicas diversas, que incluem a análise de movimentos diaspóricos, circulares e contínuos, transnacionais, interseccionais e feministas (Glick-Schiller; Basch; Blanc-Szanton, 1992; Hall, 2009).

No interior desse conjunto significativo de mudanças, encontra-se um maior interesse de pesquisadoras e pesquisadores pela dimensão corporal nas dinâmicas de mobilidade humana. Esse interesse recai sobre temas mais amplos, como os associados ao racismo e ao sexismo, que se traduzem em novos e velhos mecanismos de exploração, vulnerabilização e hierarquização que pessoas em mobilidade vivenciam e sofrem em razão de seu gênero, de sua raça/etnia, de sua orientação sexual, de sua classe social e de sua nacionalidade.

Além de todos esses aspectos, há, ainda, o fato de o corpo, especialmente ligado ao tema da raça, ter sido um tema de grande relevância para estudiosos que se dedicaram, entre o final do século XIX e o início do século XX, ao tema da nacionalidade, no âmbito do qual as migrações se constituíram como um fenômeno de grande interesse. Se, naquele contexto, o corpo era associado à raça e alimentou teses racistas no Brasil e em grande parte do mundo, como ele aparece nos estudos contemporâneos? Podemos falar em um retorno ao corpo?

Metodologia

Os resultados ora apresentados neste artigo foram obtidos por meio de levantamento bibliográfico da produção de pesquisadoras/es brasileiras/os sobre imigração no Brasil nos últimos vinte anos, identificando suas bases teóricas e discutindo semelhanças e diferenças entre as abordagens do corpo presentes nessa produção⁴.

⁴ Existe uma ampla bibliografia internacional sobre a temática que enfoca questões como fronteiras biométricas, regimes de mobilidade e necropolítica. No entanto, o presente artigo atende aos objetivos da pesquisa, que focou na produção brasileira.

Foram consultados, em março de 2023, três repositórios on-line de artigos: SciELO Brasil, Portal de Periódicos da Capes e Google Acadêmico. Chegamos a 45 artigos⁵, mas 11 foram excluídos por não tratarem do tema dentro do recorte temporal definido para este estudo. Além de uma leitura introdutória, na qual se buscou verificar se o artigo atendia aos critérios de seleção quanto ao período, aos conceitos e aos autores mais referenciados, foram realizadas mais duas leituras: uma para destacar a fundamentação teórica e outra para melhor sistematizar as relações entre corpo e imigração presentes na bibliografia consultada.

À medida que foram lidos e fichados, verificou-se que o “peso” ou a “centralidade” do corpo no conjunto dos artigos e do argumento de seus autores variam consideravelmente, abrangendo desde referências mais secundárias até aquelas de grande importância. Como critério de definição da centralidade do corpo no artigo, foram consideradas algumas evidências mais objetivas, tais como a referência no título, no resumo e nas palavras-chave, bem como o número de vezes que o termo foi empregado.

Os dados e as informações dos artigos de interesse, tais como autores, conceitos e teorias citados, foram organizados em um banco de dados no Excel e, posteriormente, transplantados para o Obsidian. Ambas as ferramentas foram utilizadas para a organização do presente artigo no que diz respeito ao modo como as autoras e os autores dos artigos selecionados relacionaram os temas do corpo e da migração com os conceitos e as teorias mais referenciados. Como resultado desse levantamento bibliográfico, verificamos um grande número de autores e conceitos citados. Entre eles, no entanto, observamos uma maior recorrência a Michel Foucault, Judith Butler e Pierre Bourdieu. Por esse motivo, esses autores servirão de base para a análise aqui proposta. Para garantir uma maior fundamentação e diálogo entre os artigos analisados e os conceitos neles acionados, repassaremos algumas das principais contribuições teóricas de Foucault, Butler e Bourdieu.

Foucault: Estado, Instituições e sociedade e o controle sobre o corpo do imigrante

Michel Foucault é um autor amplamente referenciado em estudos sobre o corpo, sejam eles em contextos migratórios ou não. O corpo é uma dimensão social central nas obras do autor. Essa importância está associada, entre outros fatores, à sua concepção sobre a emergência

⁵ Os artigos foram escritos por autores de diferentes áreas do conhecimento, que vão das Ciências Sociais aos Estudos Literários, passando pela Saúde Coletiva, Filosofia e Psicologia, revelando que o tema do corpo nos estudos migratórios é bastante multidisciplinar.

da modernidade como estritamente relacionada à mudança da forma de controle sobre o indivíduo e a sociedade por meio do corpo.

Como é possível verificar em *Vigiar e Punir* (1987), na sociedade europeia anterior à emergência da modernidade, esse controle era feito a partir da exposição das formas de castigo e de punição, a exemplo de enforcamentos, mutilações e queima de pessoas. Já na modernidade, as formas de controle passam por tirar o corpo da exposição pública, de modo que essas formas possam ser exercidas por instituições que educam, disciplinam e castigam. Como afirma Foucault, a punição agora tem como objetivo corrigir e disciplinar o condenado e devolvê-lo à sociedade por meio da docilização e da disciplinarização. Agora, não é mais o corpo o alvo direto do castigo, mas o que Foucault chama de “alma”. O corpo torna-se prisioneiro de sua alma. Os indivíduos não mais são punidos apenas pelo que “fizeram, mas [por] aquilo que eles são, serão ou possam ser” (Foucault, 1987, p. 22). Dudrick (2005) entende que a alma, para Foucault, não é uma substância e está articulada com o poder. Ela se torna corpo à medida que este atua diretamente em um campo político. Foucault busca, então, “identificar os mecanismos específicos de tecnologias, por meio dos quais o poder realmente se articula com o corpo” (Dreyfus; Rabinow, 1995, p. 126).

Essa concepção do lugar do corpo na sociedade moderna mantém estrita relação com a noção de poder em Foucault. A tecnologia política do corpo pode ser entendida como um micropoder (Foucault, 1987, p. 23-24) e, como tal, não é uma propriedade e, portanto, não pode ser apropriado, seja pelos dominantes, seja pelos dominados. O poder atravessa ambos, e ambos os utilizam em condições desiguais, a favor ou contra as normas existentes, à medida que estas os alcançam. O corpo é investido pelo poder de modo a torná-lo útil economicamente e submisso politicamente.

Vê-se que o corpo é uma das peças centrais no quebra-cabeça da teoria foucaultiana sobre o poder. Em *Poder-corpo* (1998), encontramos três características importantes da noção de poder em Foucault. Primeiro, o poder não é unidirecional; ele é relacional. A ação de um indivíduo e/ou de um grupo social provoca a movimentação e o deslocamento de outro indivíduo e de outro grupo social. Segundo, como relação, o poder não age negativamente. Ele não apenas impede; ele cria. Terceiro, como relação, o poder não está localizado somente no Estado e nas instituições, mas funciona para além, aquém, acima e abaixo, em um plano cotidiano (Foucault, 1998).

Em seu conjunto, pode-se dizer que a concepção de poder em Foucault desemboca no conceito de governamentalidade. Por meio dele, Foucault procura explicar como o poder se

governamentaliza, o que implica considerar que o governo é uma entre outras formas de poder que se torna hegemônica na modernidade. A governamentalidade se caracteriza, assim, de um lado, pela emergência de instituições, aparelhos e dispositivos de poder somados a novas formas de conhecimento e, de outro lado, pela população. A população, como conjunto de indivíduos, ao mesmo tempo que sofre a ação do poder científico e político, também dele se alimenta para sobreviver. Esses dois lados se imbricam e se interdeterminam como expressão da governamentalidade por meio da disciplinarização e da docilização dos corpos operadas pelos dispositivos de poder e pelos saberes (Dudrick, 2005, p. 239-240).

A partir dessas características do poder, bem como de sua relação com o corpo, chegamos ao conceito de biopolítica (Foucault, 2002). Por meio desse conceito, Foucault nos ensina sobre como dinâmicas de poder se materializam no corpo. Ao “fazer viver e deixar morrer” (Foucault, 2002, p. 287), a biopolítica o faz por meio do estabelecimento de normas de dominação e sujeição no plano mais elementar da vida social, que se confunde com a vida biológica, ou seja, “o ato de nascer, morrer e adoecer”. Nesse nível, o poder científico (medicamentos e tratamentos), que visa manter as pessoas vivas, funde-se com o poder político que disciplina (em hospitais, escolas e outras instituições) esses mesmos corpos.

A biopolítica se expressa também por meio da docilização dos corpos. O corpo dócil é o corpo disciplinado pelo saber científico que o analisa, ajuda a nascer e, ao mesmo tempo, a manter-se vivo, saudável e útil. Por sua vez, vale notar que, para Foucault, o processo de disciplinarização também pode derivar de processos que levam o indivíduo a pensar sobre si mesmo, o que ele designa como processo de “subjetivação”. Tais processos resultam no desenvolvimento de “tecnologias de si” (*technologies of the self*) (Foucault, 1988, p. 18). Nessa direção, o autor salienta que o poder opera por meio da produção de conhecimento e da criação de um desejo de se adequar às normas (historicamente variáveis) que tal conhecimento estabelece. “Tal desejo de se conformar leva as pessoas a sustentar sua própria opressão de modo voluntário por meio da autodisciplina e da autovigilância em questões como peso, elegância, feminilidade, práticas reprodutivas etc.” (Pylypa, 1998, p. 24).

No que diz respeito ao material bibliográfico que serviu de base para este estudo, dez dos artigos consultados utilizam Foucault em suas referências. A centralidade do autor nesse conjunto de publicações varia consideravelmente: em alguns casos, ele é o autor principal (Brandão, 2018; Granada; Detoni, 2017); em outros, é uma referência entre outras. Além disso, há casos em que aparece como referência indireta, associado ao uso de conceitos como os de

necropolítica e “microrracismo” (Kowalewski; Schilling; Magalhães; Évora, 2019), e casos em que é citado ao lado de outros autores e autoras (Matsue, 2022).

Os principais conceitos acionados são biopolítica e governamentalidade. Esses conceitos aparecem frequentemente associados à noção de poder de Foucault, que ressalta a dimensão relacional e processual, a exemplo dos micropoderes que afastam os autores de concepções essencializadas ou da ideia de poder como propriedade de uma classe, de um grupo social, de uma instituição ou de um indivíduo.

Para Granada e Detoni (2017), por exemplo, a mobilidade humana produz questões relacionadas à saúde, tanto dos imigrantes como da população local. A migração é entendida como um “determinante social da saúde” (p. 127). Nesse aspecto, o artigo dialoga com a concepção de Foucault de biopolítica, segundo a qual o poder se materializa nas formas de controle do corpo do indivíduo. No artigo *Corpos fora do lugar: saúde e migração no caso de haitianos no sul do Brasil* (Granada; Detoni, 2017), o corpo do migrante é um corpo doente e ameaçador. Os imigrantes haitianos, na condição do outro, aparecem como indesejados ou estigmatizados de diferentes maneiras e em diferentes níveis por agentes comunitários, empresários do ramo alimentício e da construção civil e vizinhos. Esses agentes sociais, ao não considerarem as condições de vida precárias na sociedade de acolhimento, estigmatizam o imigrante e produzem um corpo “fora do lugar”, que pode ser entendido como expressão do “racismo de Estado” (Fassin, 2000) e como expressão do poder e das formas de “deixar viver e deixar morrer” (Foucault, 2002, p. 287).

A biopolítica é, também, um conceito central para Berger e Berger em *Imigração e governamentalidade: reflexões sobre o lugar dos imigrantes nos Estados-Nação* (2018). Nesse artigo, os autores sugerem que o corpo do imigrante é alvo da biopolítica por meio de formas de saber e de poder. Para tanto, o Estado nacional se vale de instrumentos legais e mecanismos morais no esforço de assimilação do imigrante e da garantia da homogeneização da população e da cultura nacional. Como expressão da biopolítica, os imigrantes são parte da população a ser governada e, como tal, são fragilizados por meio de seus corpos para que se tornem integrados. Berger e Berger (2018) retomam, também, a concepção de poder de Foucault no que diz respeito à sua “positividade”. Nesse sentido, demonstram que o acesso a direitos pelos imigrantes no país de destino é uma consequência do controle que o Estado-Nação exerce sobre eles. À medida que são reconhecidos e vulnerabilizados cultural, social e politicamente, os imigrantes são integrados e passam a ser portadores de direitos.

Um dos artigos analisados que se ancora no pensamento foucaultiano se baseia de modo mais específico no conceito de governamentalidade. Em *O outro: análise crítica de discursos sobre migração e gênero*, Mountian e Rosa (2015) analisam marcadores da diferença que produzem discriminação e fetichização do outro como forma de subordiná-lo e invisibilizá-lo. Ao analisar trajetórias de imigrantes transexuais, os autores nos ajudam a entender como o imigrante é reconhecido como “outro” por meio do conceito de governamentalidade e do que chamam de “modelos do panóptico e da peste”. O modelo do panóptico é, como se sabe, uma referência a uma penitenciária ideal, concebida pelo filósofo e jurista inglês Jeremy Bentham em 1785, que permite a um único vigilante observar todos os prisioneiros, sem que estes possam saber se estão ou não sendo observados, e foi empregado para enfatizar a vigilância e a disciplinarização como expressão do poder e do controle sobre o imigrante, no caso, por meio de seu corpo. A “peste”, por sua vez, é um modo de se referir ao imigrante como estranho, inimigo e ameaça, condição igualmente pensada a partir do corpo do imigrante (Mountian; Rosa, 2015).

Vale (2007), em *O voo da beleza: experiência transgênero e processo migratório*, acessa Foucault e a ideia de micropoder via outros autores. Um deles é Eribon, que dialoga com Butler por meio, por exemplo, da ideia da “eficácia da injúria”, que age tanto no assujeitamento quanto, na medida em que é apropriada pelo agente, na subversão. Desse modo, Eribon propõe pensar sobre uma “microfeminilidade” como reinvenção da feminilidade por pessoas trans em contextos migratórios. Para Vale (2007), a migração, entendida como nomadismo, é parte desse processo de passagem da condição de assujeitamento para a reinvenção. No contexto migratório, a sexualidade e o corpo do sujeito trans sofreriam menos coerção social e menos violência. Em razão disso, o imigrante trans vivencia o processo de intensificação das mudanças que concorrem para afirmar a sua condição (Vale, 2007).

O conceito de micropoder está também implícito no artigo *Interseccionalidades, categorias de articulação e experiências de migrantes brasileiras*, de Adriana Piscitelli (2008). O conceito é indiretamente referenciado para dar suporte analítico ao processo de racialização e sexualização da imigrante brasileira. Segundo a autora, o corpo da mulher brasileira é ressignificado no contexto migratório a partir da diferença e de seus marcadores de gênero, raça, nacionalidade e classe. Para a autora, as relações entre as mulheres brasileiras e os homens nacionais dos países de destino não são estáveis. As mulheres migrantes podem desenvolver estratégias de resistência e rejeição de formas e situações de assujeitamento. Para Piscitelli, essa

dinâmica ilustra “as distribuições diferenciadas de poder”, ideia proposta a partir da referência a Foucault (1977) e de sua concepção de poder.

Outros artigos que fazem parte da amostra analisada se caracterizam pela referência a mais de um conceito-chave de Foucault. Este é o caso de Brandão (2018), em seu artigo *Corpo estrangeiro: arte contemporânea*. A partir da descrição de instalações artísticas, o autor demonstra como pessoas migrantes, através de seus corpos, são mercantilizadas, sofrem com o trabalho físico e são oprimidas e subjugadas. Para Brandão, a Europa e seus Estados se sustentam por meio de dispositivos que definem quem pode entrar, o que se materializa por meio do controle sobre imigrantes. Quanto mais vulneráveis — por exemplo, pela falta de documentos —, mais os imigrantes são submetidos ao “poder disciplinar” e à “vida nua” (Agamben, 2010). A partir da análise de diversas instalações de diferentes artistas, Brandão assinala que o controle sobre os imigrantes pode ocorrer a partir de seus corpos por meio de diferentes formas de violência retratadas pelas condições de estrangeiros, indocumentados, opacos, que esperam, que carregam ou ainda como doentes e/ou desumanos. Todas essas referências ao corpo podem ser entendidas como variações da produção do anonimato, mas também como docilização e disciplinarização dos imigrantes a partir de seus corpos.

Outro artigo que apresenta várias referências a Foucault é *Corpos duplamente dissidentes: a condição da migrante brasileira no Japão*, de Regina Yoshie Matsue (2022). A partir de sua própria experiência como estudante de doutorado no Japão, a autora demonstra como ela e outras mulheres brasileiras foram duplamente subalternizadas e exploradas como mulheres (cultura japonesa) e como imigrantes (trabalhadoras). A autora entende que, como estudante no Japão, foi parte de um campo político e, por meio de seu corpo, alvo de vigilância e manipulação estatal, institucional e cotidiana (Foucault, 1987).

Por outro lado, o conceito de micropoderes aparece para sustentar analiticamente o processo de atualização e aprendizagem que vivenciou no país a partir da convivência com colegas da universidade e parentes japoneses, processo no qual vivenciou a reconstrução de seu corpo como um caminho para sua maior aceitação e inserção na sociedade japonesa. Como expressão de micropoderes, a autora ressalta que sua sujeição “subverte a ordem ao dezoar”. Isto é, a sujeição aos padrões culturais, linguísticos e corporais nunca é plena, podendo mesmo subverter, em alguns aspectos, o processo de docilização e disciplinarização.

Os conceitos de governamentalidade e micropoder retornam no artigo *Imigrantes ou refugiados?*, de Denise Jardim (2016). A autora investiga as tecnologias de governamentalidade e o êxodo palestino rumo ao Brasil no século XX. Para Jardim, as tecnologias de

governamentalidade estabelecem as normas e os parâmetros para definição de imigrantes ou refugiados desejados. Essas normas resultam, seja no plano internacional, seja no nacional, de embates e disputas de poder. Essas dinâmicas incluem margens de agenciamento, como expressão de micropoderes por parte de funcionários dos Estados nacionais e de agências internacionais ao incorporarem suas normas, bem como de pessoas em mobilidade que negociam o *status* desejado (imigrante ou refugiado) de acordo com as expectativas que cada uma dessas condições oferece em termos de segurança, oportunidades de sobrevivência, ganho econômico, reunificação ou manutenção de vínculos familiares e maior mobilidade.

Kowalewski, Schilling, Magalhães e Évora, em *Mobilidades contemporâneas no contexto Pós-Colonial: Mbembe, Glissant e Mattelart* (2019), retomam a ideia da mestiçagem (culturas mestiças), do híbrido e da creolização para pensar a mobilidade como característica da condição humana. No artigo, o tema da mobilidade é abordado de modo a explicitar dimensões políticas entre migrantes e as restrições impostas pelos Estados nacionais e seus agentes. Essas restrições são entendidas como expressões de diferentes tipos e níveis de dispositivos de classificação e discriminação da pessoa em mobilidade, dinâmicas analisadas como sistemas normativos e morais, a exemplo da necropolítica e do nanorracismo (Mbembe, 2017, p. 95), em oposição ao direito de mobilidade e de existir independentemente do local de origem. São esses conceitos que aproximam o artigo de Foucault, presente no texto de modo indireto, já que a necropolítica deriva de uma relação direta com o conceito de biopolítica e o “nanorracismo” pode ser entendido como um desdobramento do conceito de micropoder.

Por último, no que se refere às referências a Foucault, no artigo *Percepção das mulheres imigrantes haitianas sobre concepção de corpo, saúde e cuidado*, Souza et al. (2020) analisam narrativas de mulheres haitianas que são atendidas por serviços de saúde no Brasil. O foco está nas disputas entre, de um lado, aspectos relacionados à “corporalidade” e ao “cuidado de si”, herdados da sociedade e da cultura de origem e, de outro, os efeitos da atuação de dispositivos de controle exercidos por instituições hospitalares e das ideias de saúde por elas difundidas, que atuam no sentido da docilização e da disciplinarização dessas mulheres por meio de seus corpos. As autoras demonstram que, de um lado, o corpo é base de afirmação da origem cultural e da condição de gênero, mas, por outro, a associação da ideia de saúde ao cuidado hospitalar demonstra que concepções eurocêtricas prevalecem.

Butler: a abjeção e a performatividade do corpo do imigrante

Assim como Foucault, o corpo é central no pensamento e na teoria de Judith Butler. Do mesmo modo, o corpo é uma expressão do poder, mas, neste caso, como materialização do discurso. Para a autora americana, o “discurso habita o corpo” (2002). Essa perspectiva teórica e, ao mesmo tempo, política acentua a importância da relação entre corpo, poder e linguagem na teoria de Butler, o que é central, por exemplo, no debate sobre gênero por ela proposto (Peña, 2021, p. 233).

Em Butler (2002a), as proposições sobre o corpo são propositalmente contraditórias: são “fórmulas performativas”. Para além de uma perspectiva histórica, Butler propõe um “imaginário filosófico” que busca a desnaturalização como meio de estabelecer regras de gênero. Na entrevista para Baukje Prins e Irene Costera Meijer (2002a), Butler procura desfazer a interpretação construtivista de *Bodies that Matter* e enfatiza a dimensão ontológica do corpo e da realidade como um todo.

Butler amplia essa ideia para além do sexo e da heteronormatividade, de modo que ela possa se referir a corpos destituídos de vida e sem materialidade (Butler, 2002b). Nesse sentido, é importante lembrar que, tal como o gênero, o sexo é performado; portanto, não pode ser entendido como expressão do biológico em oposição ao gênero, mais comumente entendido como expressão da política e da cultura. Conforme defende Peña (2021, p. 229), “ambos são produtos discursivos”.

Do mesmo modo, os corpos que importam são aqueles definidos politicamente, isto é, por meio de relações e hierarquias de poder. É isso que explicaria o (não) lugar do corpo feminino e dos corpos abjetos na tradição filosófica, cultural e política inaugurada por Platão (Butler, 2002b).

Portanto, em *Corpos que importam*, Butler retoma a polêmica sobre como pensar o corpo como discurso. Para a autora, o fato de o pós-estruturalismo centrar sua crítica e análise na categoria de discurso não elimina a importância do corpo, seja como um discurso, seja como expressão de violência física e simbólica. A materialização da realidade é o que produz o que importa. Para a autora, quanto mais materializados, mais os corpos importam. Quanto menos materializados ou mais invisíveis, menos importam. Seguindo esse pressuposto, a materialização/importância e a invisibilidade/abjeção, a exemplo dos corpos-migrantes, são produções discursivas que se materializam em corpos, daí resultando que estes são hierarquizáveis. Isto é, os corpos são “nexos historicamente contingentes de poder/discurso” (Butler, 2002b).

Em *Vida Precária* (2006), Judith Butler retoma o tema do corpo. Dessa vez, destaca que, por meio dele, vivemos uma ambiguidade. Isso porque, ao mesmo tempo que é nosso no sentido identitário e político, ele existe em uma esfera pública. Nesse domínio, perdemos o controle absoluto sobre ele, o que não é necessariamente uma contradição, porque essa dimensão pública é expressão de uma sociabilidade fundamental, posto que é por meio de nossos corpos que interagimos com o “outro”, que, como veremos a seguir, pode ser materializado pela figura do imigrante. Por sua vez, é essa inexorável condição que nos torna vulneráveis, já que dependemos do “outro” para viver (morar, comer). Isto é, não somos autossuficientes. A vulnerabilidade se acentua à medida que somos rechaçados, subalternizados, desumanizados e invisibilizados e à medida que a vulnerabilização é um mecanismo de fortalecimento do outro (Butler, 2006).

A centralidade e a ambiguidade do corpo no que diz respeito à sua dimensão política são retomadas em uma obra mais recente. Em *Quadros de Guerra* (2015), Butler reforça a sua tese de que estamos invariável e inexoravelmente em relação com outros por meio de nosso corpo. Nosso corpo define nossa individualidade, mas, como já dito em *Vida Precária*, dependemos dos outros para sobreviver. No mundo contemporâneo, no entanto, a exemplo dos acontecimentos na Guerra do Iraque (2003–2015), a dependência mútua, ao invés de gerar solidariedade e identificação, gera alteridade e estranhamento, bases para dinâmicas de hierarquização. Nesse sentido, a definição de quem deve viver e de quais mortes merecem luto (princípio que, de modo semelhante, Foucault já havia destacado como princípio da governamentalidade) tem como contrapartida a abjeção, que se materializa na precarização de vidas de pessoas cujas vidas não são reconhecidas e cujas mortes, como já dito, não merecem luto (Butler, 2015), a exemplo de muitos imigrantes.

Do conjunto dos artigos analisados, encontramos seis que fazem, em diferentes níveis de importância, referência a Judith Butler. Do mesmo modo que Foucault, em alguns desses artigos, Butler é a referência mais importante e, em outros, divide as referências com outros autores, inclusive com Foucault e Bourdieu. Como veremos, de modo geral, os autores desses artigos recorrem a Butler para tratar do tema do gênero, da abjeção e da vulnerabilidade, bem como dos processos de desestabilização de identidades vivenciados por imigrantes, mas que também produzem mudanças nas sociedades de destino.

Esse é o caso do artigo *O voo da beleza: experiência transgênero e processo migratório* (Vale, 2007), em que Butler é referenciada para apoiar a análise sobre sexualidade e gênero. Ao lado de Didier Eribon (1999), o autor critica a chamada “estrutura comum de inferiorização”

à qual são submetidos gays e travestis. O artigo dá maior centralidade às travestis migrantes e ao seu poder desestabilizador da heteronormatividade de gênero. Isto é, as travestis migrantes colocariam em questão a suposta “originalidade e naturalidade” do sexo. Contra a crítica feminista segundo a qual a travesti é uma apropriação colonizadora do feminino (Vale, 2007), o autor retoma Butler e sua ideia de paródia como uma forma de desestabilizar a “heterossexualidade compulsória”. Ainda baseado em Butler, Vale relembra que o gênero não possui uma verdade imanente quanto à sua definição e que precisa ser entendido como “fabricação” que se inscreve na superfície dos corpos.

Mountian e Rosa (2015), em *O outro: análise crítica de discursos sobre migração e gênero*, buscam em Butler uma base teórica para pensar mulheres trans migrantes a partir da perspectiva da alteridade. Nesse caso, Butler dá suporte analítico para pensar essas pessoas como o outro a partir dos conceitos *queer*, abjeção e performatividade. Por meio desses conceitos, o feminino é desconstruído. Nesse sentido, a pessoa trans pode ser entendida como uma paródia, já que é uma apropriação do feminino de modo a desconstruí-lo em sua cisgeneridade. Isto é, sustenta-se a ideia de que, em contextos migratórios, travestis se tornam abjetas por serem ininteligíveis, por romperem com as “normas hegemônicas” no que diz respeito à relação entre gênero, sexualidade, prática sexual e desejo (p. 154). A crítica à abjeção sofrida, por sua vez, sustenta-se na própria condição *queer* e no caráter performático das vivências de gênero e sexualidade dessas imigrantes, por meio das quais elas procuram maior visibilidade, buscando resistir ao processo de invisibilização vivenciado.

O artigo de Matsue (2022), *Corpos duplamente dissidentes: a condição da migrante brasileira no Japão*, já comentado acima por sua interface com Foucault, também dialoga com Butler para analisar as ambivalências do processo de adesão aos papéis de gênero social e culturalmente construídos como adequados à mulher japonesa. A autora vale-se de sua própria condição, como brasileira descendente de japoneses que passa a viver no Japão para realizar seu doutorado. Nesse sentido, lembra que, mesmo que não tenha aderido, durante sua infância e juventude no Brasil, a tais papéis (que faziam parte de um repertório introjetado, não performado no Brasil), estes encontraram ressonância em sua vida durante o tempo em que viveu no Japão. A autora recorre a Butler e à sua ideia de “trabalho prévio do poder” para se referir tanto à capacidade de reconhecimento dos códigos culturais de gênero quanto aos espaços de agência dela mesma e de outras brasileiras no Japão. Para Matsue, seria possível não apenas resistir à cultura e aos papéis de gênero hegemônicos, tanto no local de origem quanto no de destino, como também, por meio do desconforto e de disjunções provocadas pela

tentativa de reproduzir o irreproduzível, subverter a ordem. Isto é, as tensões e os sofrimentos decorrentes dos conflitos potencialmente originam formas de transgredir os códigos culturais japoneses, criando novas performances de gênero.

A invisibilização, a precarização e a abjeção de imigrantes são retratadas no artigo *Corpo desconexo: O(a) imigrante no TGI Italiano*, de Fabiane Cristina de Albuquerque (2022). Por meio de imagens de uma emissora italiana de televisão, a autora narra casos de pessoas migrantes e refugiadas cujo sofrimento e cuja morte, durante suas tentativas de travessia do Mar Mediterrâneo, demonstram como são desconsideradas e apagadas, tanto pela mídia quanto pelas pessoas comuns.

Em sua maioria, esses migrantes são negros, jovens e africanos. No artigo, a mídia, em particular um programa de notícias de um canal italiano, produz uma ideia de imigrante como corpo descartável em um contexto de aumento da chegada de pessoas originárias da África em embarcações precárias. O artigo destaca a unilateralidade das reportagens e a pouca presença ou a ausência da voz dos imigrantes. Isso revela uma grande assimetria de poder, uma vez que a emissora produz narrativas sobre a situação sem permitir que os imigrantes expressem o sofrimento e a dor pela morte de seus conterrâneos e se manifestem sobre a negação do direito à vida e à dignidade humana.

A ambiguidade e a agência possível vivenciadas por mulheres migrantes são retomadas no artigo já comentado de Piscitelli (2008), *Interseccionalidades, categorias de articulação e experiências de migrantes brasileiras*. A autora retoma Butler e suas contribuições no campo da filosofia para os estudos feministas sobre gênero e sexualidade. Piscitelli destaca que a categoria de gênero em Butler é relacional, mas relacional no sentido de que o gênero é uma performance para além do binarismo masculino/feminino. Em seu lugar, o pensamento *queer* amplia esse binarismo, incluindo pessoas intersex e trans. Butler é lembrada como uma autora que dá suporte para a análise interseccional empreendida por Piscitelli ao reforçar que as “modalidades raciais, classistas, étnicas, sexuais e regionais de identidades são discursivamente constituídas”, sem que nenhuma delas seja “condição primária de opressão” (Piscitelli, 2008).

Por sua vez, no artigo *O corpo das mulheres brasileiras e o seu estereótipo no universo fitness em Portugal* (Novaes; Rossi, 2018), Butler também é acionada a partir da “chave identitária”, na qual o gênero, para além de ser uma evidência, resulta de discursos e de relações de poder que o performam. No caso do artigo, academias e atividades físicas são espaços e práticas de materialização de uma performatividade do corpo feminino em Portugal que oscila

entre reforçar estigmas sobre mulheres brasileiras e “empoderá-las” em suas relações sociais em Portugal.

Bourdieu: imigrantes, dominação e agência⁶

Pierre Bourdieu é o terceiro autor com maior número de referências no conjunto de artigos de autoras/es brasileiras/os que serviram de base para a análise sobre como o corpo é acionado como uma dimensão relevante de dinâmicas migratórias. Foram lidos e analisados seis artigos de cinco autores diferentes que citam Bourdieu em diferentes níveis de importância e centralidade teórica e analítica. Desses, dois também citaram Butler e um também referenciou Michel Foucault ao lado de Bourdieu.

Também em Bourdieu, tal como em Foucault e Butler, o corpo é uma dimensão da realidade social de grande relevância. Essa centralidade pode ser verificada em um nível epistemológico, já que a teoria bourdieusiana nos afasta de abordagens racionalistas e abstratas da realidade social (Csordas, 1990; Bourdieu, 2007). Nesse sentido, o corpo é uma das expressões da materialização da sociedade no agente em seu contexto cultural e, ao mesmo tempo, da dimensão prática da atuação do agente no espaço social. Essa dinâmica, que é relacional, é analisada e explicada a partir de categorias e conceitos como *habitus* e, sobretudo, *hexis*. Como se sabe, Bourdieu pensa o *habitus* como um conceito central para ir além tanto de abordagens objetivistas e estruturalistas, que apagam a subjetividade dos agentes sociais, quanto das subjetivistas, que, por sua vez, apagam o social, determinando a soberania do indivíduo, seja sob a condição de ator, seja sob a de sujeito social (Csordas, 1990; Connell; Mears, 2018).

A dimensão corporal do *habitus* é mais bem definida pelo conceito de *hexis*. Tal como o *habitus*, o conceito de *hexis* não foi originalmente formulado por Bourdieu (2007, 2014). Ambos estão presentes, por exemplo, no texto clássico de Marcel Mauss, “Técnicas corporais” (2003).

Por meio da *hexis*, pode-se afirmar que Bourdieu (2014) procura se referir tanto à dimensão estética (forma, cuidados de si etc.) quanto às técnicas corporais (habilidades físicas, idiomas/sotaques, formas de gesticular e caminhar etc.), que são produzidas pelas relações de força entre os agentes sociais, seja no espaço social mais amplo, seja em campos específicos,

⁶ Agradecemos à Profa. Maria Chaves Jardim pelas preciosas referências de Pierre Bourdieu que trata do tema do corpo.

como o econômico, o religioso, o artístico etc., o que dá origem a desigualdades sociais, tal como destacam Connell e Mears (2018, p. 561).

Além do *habitus* e da *hexis*, com base em Bourdieu, podemos também pensar o corpo como capital. Ou seja, como expressão de poder cuja presença ou ausência interfere no posicionamento dos agentes nos campos em que atuam (Machado, 2004; Piscitelli, 2008; Ennes, 2020).

Para além do contexto migratório, vale relembrar o uso da noção de capital corporal no importante trabalho de Loïc Wacquant sobre o pugilismo nos Estados Unidos (Wacquant, 2002, p. 148). A proposta de pensar o corpo como capital em outros contextos sociais reaparece em alguns estudos, a exemplo de Shilling (1991) e Connell e Mears (2018). Shilling (1991) procura resgatar a importância do corpo no campo da sociologia a partir do conceito de capital corporificado. Para a autora, o corpo é um importante elemento na produção das desigualdades sociais e de gênero. Para tanto, recorre ao conceito de capital corporificado a partir das contribuições de Pierre Bourdieu. Para Shilling, é necessário ampliar esse conceito para além de sua relação com a classe social. Essa ampliação passa por considerar como os indivíduos possuem diferentes oportunidades de converter o capital corporal em outras formas de capital, como o cultural, o social e o econômico.

Também para Connell e Mears (2018), os corpos carregam as diferenças sociais. Essa ideia é, em grande parte, baseada nas contribuições de Bourdieu sobre o corpo como local das desigualdades sociais (Bourdieu, 2007). Isso implicaria trazer de volta o corpo para a teoria social para aprofundar a análise sobre gênero e sexualidade, raça e imigração, trabalho e urbanização e formas sociais de sofrimento e exclusão. Por outro lado, de acordo com Connell e Mears (2018), a noção do corpo como capital tem favorecido perspectivas neoliberais sobre trajetórias individuais e invisibilizado dimensões estruturais das desigualdades. Um caminho para aprofundar e ampliar a abrangência do capital corporal de Bourdieu seria relacioná-lo com o conceito de trabalho estético, isto é, “a gestão do afeto e do capital corporal”.

No que diz respeito aos seis artigos analisados em que é citado como autor principal, Bourdieu aparece basicamente de três modos. Primeiro, por seus conceitos; segundo, por sua metodologia; e terceiro, de modo mais difuso, por referências a formas e mecanismos de dominação. Nesse caso, Bourdieu é referenciado ao lado de Foucault, que, na realidade, é uma referência mais importante para os autores desses artigos.

Esses são os casos dos artigos *Corpos que ameaçam, corpos instrumentalizados – raça e gênero no debate público sobre imigração na Itália* (Garcia; Zanin, 2021) e *Imigrantes ou*

refugiados? As tecnologias de governamentalidade e o êxodo palestino rumo ao Brasil no século XX (Jardim, 2016). Esses textos apresentam resultados de estudos sobre imigrantes em diferentes contextos e envolvendo diferentes nacionalidades. Por outro lado, e de modo semelhante, referenciam Bourdieu (2010) para fundamentar argumentos sobre dominação, no caso, envolvendo gênero, preocupação comum tanto a Shilling (1991) quanto a Connell e Mears (2018), e sobre formas de controle, descritas e analisadas a partir da perspectiva da governamentalidade. No entanto, ao lembrar Bourdieu (2014), pretendem retomar a “historicidade” dos dispositivos de poder e, desse modo, permitir o acesso a dimensões da agência tanto dos representantes dos Estados nacionais e dos órgãos internacionais ligados ao tema das migrações e do refúgio quanto dos próprios agentes sociais que vivenciam essas condições.

No caso dos artigos que se apoiam em seu sistema conceitual (Ennes, 2010, 2020; Novaes; Rossi, 2018), Bourdieu ocupa um lugar mais central. Em *Imigrantes, cirurgias plásticas e poder em dois tempos: contribuição para uma hipótese de pesquisa*, Ennes (2010) utiliza basicamente dois conceitos de Bourdieu: *habitus* e estratégia. Sem recorrer, neste artigo, ao conceito de *hexis*, o autor procura entender o corpo como expressão do *habitus*; portanto, propõe que as disposições práticas e simbólicas associadas à condição de imigrante se expressam em seu corpo. Ao analisar a ocorrência de cirurgias plásticas étnicas entre imigrantes, o autor sugere que, para além da pura adesão aos padrões estéticos hegemônicos, essas modificações corporais podem resultar de estratégias ou do senso prático dos imigrantes e podem ser entendidas como investimentos no próprio corpo na busca de um melhor posicionamento social e econômico (Connell; Mears, 2018).

Dez anos após esse primeiro artigo, Ennes publicou *Bourdieu and the ‘migrant-body’. Embodiment in the migrant context* (2020). Nesse artigo, o autor se aprofunda na teoria bourdieusiana para propor a noção de “corpo-migrante”. Para tanto, sugere que os conceitos de Bourdieu, como ele próprio defendia, sejam tratados como um sistema. Assim, o autor retoma os conceitos de campo, capital, estratégia, *habitus* e *hexis*. O autor se vale desse conjunto articulado de conceitos para analisar artigos de autoras e autores brasileiras/os que estudaram, em diferentes perspectivas, os contextos vivenciados por migrantes brasileiros.

Dessa análise resultam duas possibilidades de se pensar o corpo em contextos migratórios. A primeira refere-se aos processos de visibilização e invisibilização que imigrantes sofrem e/ou produzem. Essa dinâmica estaria associada aos tipos de capitais (acionados ou ausentes), entre os quais o próprio corpo, concebido tanto do ponto de vista estético quanto das

habilidades físicas entendidas como técnicas corporais. O corpo também é pensado como expressão do *habitus/hexis* ou capital para explicar estratégias dos imigrantes em determinados campos de atuação. Nesse sentido, a realização de mudanças corporais, tanto para atenuar diferenças como para acentuá-las (a exemplo do sotaque, dos cortes de cabelo e dos modos de gesticular), deve ser entendida de acordo com as exigências do campo específico. Essa abordagem dialoga abertamente com a proposta analítica de Connell e Mears (2018, p. 562), já que possibilita analisar o corpo tanto como expressão de desigualdades sociais quanto de formas de transgressão de hierarquias sociais.

Segundo Ennes (2020), a segunda possibilidade para pensar o “corpo-migrante”, mais diretamente associado ao sistema teórico bourdieusiano, é retomar as trajetórias migratórias por meio das categorias de corpo alienado e corpo desembaraçado, como expressões do *habitus* e da *hexis* e de suas possibilidades de atualização ao longo das trajetórias migratórias.

Por sua vez, no artigo *O corpo das mulheres brasileiras e o seu estereótipo no universo fitness em Portugal*, Novaes e Rossi (2018) estudam brasileiras usuárias de academias na cidade de Lisboa e utilizam os conceitos de *habitus* e de *illusio* para explicar a associação de uma “brasilidade” à corporificação de práticas e padrões estéticos exercitados nas academias. Essas práticas, entendidas como disposições “estruturadas estruturantes”, são consideradas uma dimensão do que poderia ser chamado de *habitus*, como as práticas relacionadas à capacidade herdada de realizar movimentos e danças, que é reforçada, como expressão da *illusio*, no contexto migratório, enquanto crença e investimento na afirmação de características corporais socialmente construídas como brasileiras e na distinção em relação à mulher portuguesa, seja no âmbito das próprias academias, seja, de modo mais direto, na sociedade mais abrangente (Novaes; Rossi, 2018).

Por último, no artigo *Meu corpo em campo – reflexões e desafios no trabalho etnográfico com imigrantes na Itália*, Albuquerque (2017) narra e analisa sua experiência como pesquisadora negra brasileira durante seu trabalho de campo desenvolvido na Itália. Nesse caso, Bourdieu é referenciado não por seus conceitos, mas como contraponto aos seus marcadores de gênero e raça. Albuquerque, ao problematizar sua condição como pesquisadora e as dificuldades e situações em que sofreu discriminação, recorda que, embora Bourdieu tenha realizado trabalhos etnográficos tanto na França quanto na Argélia, nunca precisou tratar e/ou explicitar seu gênero, raça e origem nacional, posto que todos esses marcadores eram hegemônicos. Esses marcadores, quando considerados os lugares (o interior da França e a Argélia, um país africano), o colocariam em uma situação inversa à da pesquisadora, que sofreu

com os estigmas e preconceitos decorrentes de seu gênero, raça e país de origem durante a realização de sua pesquisa na Itália.

Considerações finais

O crescimento de publicações que relacionam o tema das migrações internacionais ao corpo nos motivou a construir o presente artigo. A princípio, o enfoque pareceu-nos intrigante, já que, no passado, mais precisamente entre o final do século XIX e o início do século XX (Ennes, 2024), a relação entre imigração e corpo, sobretudo a partir da centralidade da raça no pensamento social e político do período, mantinha estreita relação com teses e teorias racistas.

O trabalho de levantamento bibliográfico e leitura levou-nos a artigos de diferentes áreas do conhecimento, que vão das Ciências Sociais às Ciências da Saúde, passando pelos estudos literários. Essa diversificação já aponta o caráter multidisciplinar da produção bibliográfica sobre o tema. Outro dado encontrado foi a grande diversidade de autores e autoras citados e referenciados nos artigos que serviram de amostra, o que sugere que não existe uma base teórico-conceitual mais ampla hegemônica no campo dos estudos migratórios. Face à dificuldade de uma sistematização que nos levasse às matrizes teóricas de todos os artigos lidos, optamos por analisar as publicações que se apoiaram nos três autores mais referenciados: Michel Foucault, Judith Butler e Pierre Bourdieu.

Vários outros artigos que fizeram parte da amostra inicial não referenciam esses três autores e, por isso, ficaram de fora da análise aqui realizada. Em outra oportunidade, certamente irão contribuir para um melhor entendimento do lugar do corpo nos estudos migratórios contemporâneos.

Em comum, Foucault, Butler e Bourdieu dão importância central ao corpo. Todos eles, ainda que de diferentes modos, associam o corpo a relações de poder e dominação. No caso dos artigos em que Foucault é o autor central, o corpo é pensado como dimensão da migração por meio do controle exercido por dispositivos de poder, de docilização e de disciplinarização. Isso ocorre sobretudo por meio do Estado e de seus aparatos de poder, que controlam tanto a entrada como a permanência de imigrantes dentro da lógica do “fazer viver e deixar morrer”. Há também artigos que analisam a ação de dispositivos de controle sobre imigrantes e seus corpos, tais como hospitais ou o serviço social e seus agentes. Nesses artigos, por meio de seus corpos, os imigrantes são impedidos de atravessar fronteiras. Os imigrantes que conseguem atravessá-

las têm seus corpos docilizados e/ou disciplinados de acordo com as normas de saúde e de emprego, os valores e os costumes dos países de destino.

Butler foi referenciada por autoras e autores que pesquisaram dimensões corporais das migrações, sobretudo a partir de questões relacionadas à sexualidade e ao gênero. Nesse sentido, alguns dos artigos buscaram nos corpos de imigrantes formas de controle e abjeção entre mulheres cis, mulheres trans e travestis. Nesses casos, a perspectiva analítica *queer* foi acionada tanto para se referir a processos de desestabilização e conflitos identitários nos locais de destino quanto para distinguir realidades vivenciadas pelas migrantes trans e pelas cis. Na linha do argumento *queer*, algumas autoras recorreram a Butler para assinalar dimensões da agência de imigrantes em contextos adversos e opressores, especialmente recorrendo às ideias de visibilidade e performance.

Por último, na maioria dos artigos em que Bourdieu é referenciado, nota-se a preocupação de autores e autoras em evidenciar a dimensão incorporada da experiência migratória, isto é, como elementos da sociedade de origem e a atuação de imigrantes em campos específicos nas sociedades de destino são corporificados. Esse processo de incorporação é entendido como expressão do *habitus/hexis* ou, em alguns casos, como atualização desses conceitos durante a trajetória migratória. Nesse contexto, há, ainda, a referência a como a disponibilidade de capitais (econômico, social e/ou simbólico) ou sua ausência se combina com estratégias em campos específicos, tais como o profissional ou o escolar.

Os artigos que nos serviram de base dão conta de um amplo leque analítico e empírico de estudos de autoras e autores brasileiros sobre imigração nas últimas duas décadas. Foucault, Butler e Bourdieu são referenciados para analisar a realidade de imigrantes no Brasil e na Europa por meio de diferentes abordagens sobre o corpo. Nesse sentido, é possível afirmar que a dimensão corporal de trajetórias migratórias representa uma perspectiva valiosa que nos permite acessar diferentes níveis da realidade vivida por migrantes. A depender de aspectos corporais como os marcadores de gênero, sexo, raça, nacionalidade e classe, os migrantes são mais expostos a formas de controle, exploração e invisibilização.

Por fim, com base no que foi analisado, fica claro que o corpo — diferentemente de como era acionado nos estudos sobre imigração na passagem do século XIX para o XX, isto é, associado a uma evidência biológica sob a forma da raça — retorna contemporaneamente, sobretudo, em sua estrita relação com o poder, seja na forma de dominação, seja na de agência, seja nas ambivalências e nas brechas políticas e identitárias.

REFERÊNCIAS

- AGAMBEN, Giorgio. **Homo Sacer**: o poder soberano e a vida nua I. 2. ed. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2010.
- ALBUQUERQUE, Fabiane Cristina. Corpo desconexo: o(a) imigrante no TG1 Italiano. **Ambivalências**, [s. l.], v. 10, n. 19, 2022. DOI: 10.21665/2318-3888.v10n19p12-39.
- ALBUQUERQUE, Fabiane Cristina. Meu corpo em campo: reflexões e desafios no trabalho etnográfico com imigrantes na Itália. **Cadernos de campo**, [s. l.], n. 26, v. 1, 2017. p. 309 - 326. DOI: 10.11606/issn.2316-9133.v26i1p309-326.
- BERGER, Carlos Norberto; BERGER, Isis Ribeiro. Imigração e governamentalidade: reflexões sobre o lugar dos imigrantes nos Estados-Nação. **Ideação**, [s. l.], v. 20, n. 2, 2018. DOI: 10.48075/ri.v20i2.23561.
- BOURDIEU, Pierre. **Dominação masculina**. 8. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2010.
- BOURDIEU, Pierre. Notas provisórias sobre a percepção social sobre o corpo. **Pro-posições**. [s. l.], v. 25, n. 1, p. 247-258, 2014. DOI: 10.1590/S0103-73072014000100014.
- BOURDIEU, Pierre. O conhecimento pelo corpo. In: BOURDIEU, Pierre. **Meditações Pascalianas**. 2. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2007. p. 157-198.
- BRANDÃO, Ronaldo Macedo. Corpo estrangeiro: arte contemporânea. **Ouvirouer**. Uberlândia, v. 14, n. 1, p. 108-124, 2018. DOI: 10.14393/OUV22-v14n1a2018-8.
- BUTLER, Judith. Como os corpos se tornam matéria: entrevista a Baukje Prins e Irene Costera Meijer. **Estudos Feministas**, [s. l.], v. 10, n. 1, 2002a. DOI: 10.1590/S0104-026X2002000100009.
- BUTLER, Judith. **Cuerpos que importan**. Sobre los límites físicos y discursivos del 'sexo'. Buenos Aires: Paidós, 2002b.
- BUTLER, Judith. **Quadros de guerra**: quando a vida é passível de luto. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2015.
- BUTLER, Judith. Violencia, duelo, política. In: BUTLER, Judith. **Vida Precária**: El poder del duelo y la violencia. Buenos Aires: Paidós, 2006. p. 45-78.
- CONNEL, Catherine; MEARS, Asheley. Bourdieu and the body. In: MEDVETZ, Thomas, SALLAZ, Jeffrey J. **The Oxford Handbook of Pierre Bourdieu**. New York: Oxford University Press, 2018.
- CSORDAS, Thomas J. Embodiment as a Paradigm for Anthropology. **Ethos**, v. 18, n. 1, p. 5-47, 1990. Disponível em: <https://voidnetwork.gr/wp-content/uploads/2016/09/Embodiment-as-a-paradigm-for-anthropology-by-Thomas-J.-Csordas.pdf>. Acesso em: 15 jul. 2026.
- DREYFUS, Hubert; RABINOW, Paul. **Michel Foucault**: uma trajetória filosófica. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1995.

DUDRICK, David. Foucault, Butler, and the Body. **European Journal of Philosophy**, [s. l.], v. 2, n. 13, p. 226-246, 2005. DOI: 10.1111/j.0966-8373.2005.00228.x.

ENNES, Marcelo Alario. Bourdieu and the ‘migrant-body’. Embodiment in the migrant context. **RBS**, [s. l.], v. 8, n. 19. 2020. DOI: 10.20336/rbs.609.

ENNES, Marcelo Alario. Imigrantes, cirurgias plásticas e poder em dois tempos: contribuição para uma hipótese de pesquisa. **Revista de Ciências Sociais**, Fortaleza, v. 41, n. 2, p.163–174, 2010. Disponível em: https://repositorio.ufc.br/bitstream/riufc/810/1/2010_art_MAEnnes.PDF. Acesso em: 15 jul. 2026.

ENNES, Marcelo Alario. Para pensar a relação entre migração, raça e corpo a partir de pensadores sociais brasileiros no final do século XIX e início do século XX. **Revista Brasileira de História & Ciências Sociais –RBHCS**, [s. l.], v. 16, n. 32, p. 509–536, 2024. DOI: 10.14295/rbhcs.v16i32.15302.

ERIBON, Didier. **Réflexions sur la question gay**. Paris: Fayard, 1999.

FASSIN, Didier. Repenser les enjeux de santé autour de l’immigration. **Hommes et Migrations**, n. 1225, p. 5-12, 2000. Disponível em: https://www.persee.fr/doc/homig_1142-852x_2000_num_1225_1_3506. Acesso em: 15 jul. 2026.

FOUCAULT, Michel. Aula 17 de março de 1976. In: FOUCAULT, Michel. **Em defesa da sociedade**. São Paulo: Martins Fontes, 2002. p. 285-315.

FOUCAULT, Michel. **História da sexualidade I: a vontade de saber**. Rio de Janeiro: Graal, 1977.

FOUCAULT, Michel. Os corpos dóceis. In: FOUCAULT, Michel. **Vigiar e Punir**. 23. ed. Petrópolis: Ed. Vozes, 1987. p. 17-142.

FOUCAULT, Michel. Poder – corpo. In: FOUCAULT, Michel. **A microfísica do poder**. 13. ed. Rio de Janeiro: Graal, 1998. p. 145–152.

FOUCAULT, Michel. Technologies of the Self. In: MARTIN, Luther R.; GUTMAN, Huck; HUTTON, Patrick H. (ed.). **Technologies of the self: A seminar with Michel Foucault**. Amherst: University of Massachusetts Press, 1988, p. 16-49.

GARCIA, Fernanda Di Flora; ZUIN, João Carlos Soares. Corpos que ameaçam, corpos instrumentalizados: raça e gênero no debate público sobre imigração na Itália. **Estudos de Sociologia**, Araraquara, v. 26, n. 50, p. 399-422, 2021. DOI: 10.52780/res.13446.

GLICK-SCHILLER, Nina; BASCH, Linda; BLANC-SZANTON, Cristina. Transnationalism: a new analytic framework for understanding migration. **Annals New York Academy of Sciences**, New York, v. 645, n. 1, p. 1-24, 1992. DOI: 10.1111/j.1749-6632.1992.tb33484.x.

GRANADA, Daniel; DETONI, Priscila Pavan. Corpos fora do lugar: saúde e migração no caso de haitianos no sul do Brasil. **Temáticas**, Campinas, n. 25, v. 49, p. 115-138, 2017. Disponível em:

<https://econtents.sbu.unicamp.br/inpec/index.php/tematicas/article/view/11131>. Acesso em: 15 jul. 2026.

HALL, Stuart. **Da diáspora**. Belo Horizonte: Humanitas/UFMG, 2009.

JARDIM, Denise F. Imigrantes ou refugiados? As tecnologias de governamentalidade e o êxodo palestino rumo ao Brasil no século XX. **Horizontes Antropológicos**, Porto Alegre, v. 22, n. 46, p. 243-271, 2016. DOI: 10.1590/S0104-71832016000200009.

KOWALEWSKI, Daniele; SCHILLING, Flávia; MAGALHÃES, Giovanna Modé; ÉVORA, Iolanda. Mobilidades contemporâneas no contexto Pós-Colonial: Mbembe, Glissant e Mattelart. **Lua Nova**, São Paulo, n. 108, p. 137-156, 2019. DOI: 10.1590/0102-137156/108.

MACHADO, Igor José de Renó. Afetividade e poder. entre os imigrantes brasileiros no Porto. **Cadernos Pagu**, [s. l.], v. 23, p. 257-278, 2004. DOI: 10.1590/S0104-83332004000200009.

MATSUE, Regina Yoshie. Corpos duplamente dissidentes: a condição da migrante brasileira no Japão. **Cadernos Pagu**, [s. l.], n. 65, e226513, 2022. DOI: 10.1590/18094449202200650013.

MAUSS, Marcel. **Técnicas Corporais**. São Paulo: Cosak Naify, 2003.

MBEMBE, Achille. **Políticas da inimizade**. Lisboa: Antígona, 2017.

MOUNTIAN, Ilana; ROSA, Miriam Debieux. O outro: análise crítica de discursos sobre migração e gênero. **Psicologia USP**, [s. l.], v. 26, n. 2, p. 152-160, 2015. DOI: 10.1590/0103-6564D20150001.

NOVAES, Caio Bradbury; ROSSI, Célia Regina. O corpo das mulheres brasileiras e o seu estereótipo no universo *fitness* em Portugal. **Cadernos Pagu**, [s. l.], v. 52, 2018.

PEÑA, Iván Eduardo Díaz. La noción de cuerpo en Judith Butler y Rosi Braidotti. **Praxis Filosófica**, [s. l.], n. 53, p. 225-238, 2021. DOI: 10.25100/pfilosofica.v0i53.11526.

PISCITELLI, Adriana. Interseccionalidades, categorias de articulação e experiências de migrantes brasileiras. **Sociedade e Cultura**, [s. l.], v. 11, n. 2, p. 263-274, 2008. DOI: 10.5216/sec.v11i2.5247.

PYLYPA, Jen. Power and bodily practice: Applying the work of Foucault to an anthropology of the body. **Arizona Anthropologist**, [s. l.], v. 13, p. 21-36, 1998. Disponível em: <https://journals.librarypublishing.arizona.edu/arizanthro/article/id/452/>. Acesso em: 15 jul. 2026.

SHILLING, Chris. Educating the body: physical capital and production of social inequalities. **Sociology**, [s. l.], v. 25, n. 4, p. 653–672, 1991. DOI: 10.1177/0038038591025004006.

SOUZA, Maria Aparecida Rocha de; ROSA, Aline Dalpra; PERES, Aida Maris; SILVA, Flaviane da; LOWEN, Ingrid Margareth Voth; SOUZA, Silvana Regina Rossi Kissula. Percepção das mulheres imigrantes haitianas sobre concepção de corpo, saúde e cuidado. **New Trends in Qualitative Research**, [s. l.], v. 3, p. 797-807, 2020. DOI: 10.36367/ntqr.3.2020.797-807.

VALE, Alexandre Fleming Câmara. O vôlei da beleza: experiência transgênero e processo migratório. **OPISIS**, [s. l.], v. 7, n. 8, jan-jun 2007. Disponível em: https://repositorio.ufc.br/bitstream/riufc/27036/1/2007_art_afcvale.pdf. Acesso em: 15 jul. 2026.

WACQUANT, Löic. **Corpo e alma**. Notas etnográficas de um aprendiz de boxe. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2002.

CRedit Author Statement

- ☐ **Reconhecimentos:** Agradecemos ao Conselho Nacional de Pesquisa e Desenvolvimento Tecnológico (CNPq) pela concessão de Bolsa de Pesquisa de Pós-Doutoramento Sênior (PDS).
 - ☐ **Financiamento:** O artigo apresenta parte dos resultados da pesquisa do projeto de pesquisa “Corpo e imigração: um estudo sobre a produção científica brasileira nas passagens do século XIX para o século XX e do século XX para o século XXI. Processo n. 102067/2022-8. PDS chamada CNPq 25/2021.
 - ☐ **Conflitos de interesse:** Não.
 - ☐ **Aprovação ética:** Não.
 - ☐ **Disponibilidade de dados e material:** Não.
 - ☐ **Contribuições dos autores:** Ambos autores participaram de todas as etapas da escrita e revisão da presente obra.
-

Processamento e editoração: Editora Ibero-Americana de Educação
Revisão, formatação, normalização e tradução

